
DOROTÉA PASCNUKI SZENCZUK

ELIZABETH SÁ FONSECA

**(IN)DISCIPLINA NA ESCOLA PÚBLICA : UMA CONTRIBUIÇÃO A REFLEXÃO
SOBRE A PRÁXIS EDUCATIVA NA ATUALIDADE**

CURITIBA

2001

DOROTÉA PASCNUKI SZENCZUK

ELIZABETH SÁ FONSECA

**(IN)DISCIPLINA NA ESCOLA PÚBLICA : UMA CONTRIBUIÇÃO A REFLEXÃO
SOBRE A PRÁXIS EDUCATIVA NA ATUALIDADE**

Monografia apresentada para a obtenção do título de Especialista no Curso de Pós-Graduação em Organização do Trabalho Pedagógico, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Orientadora: Prof.^a Regina Celly Campos.

CURITIBA

2001

“Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, tomá-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que dizemos e o que fazemos. Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros.”

(Paulo Freire em referência à morte do índio pataxó, por adolescentes, em Brasília)

AGRADECIMENTOS

Desejamos deixar marcado nosso agradecimento a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho.

À nossa orientadora professora Regina Celly que nos levou a refletir sobre o exercício das práticas escolares, nos mostrando que existem outras maneiras de pensá-las. Também destacamos sua seriedade e paciência sempre contribuindo com suas argumentações, enriquecendo e complementando nossa monografia.

Em especial, não podemos deixar de mencionar nossa gratidão à direção e professores do Colégio Estadual Newton Ferreira da Costa e do Colégio Estadual Professor Mário Brandão Teixeira Braga que confiaram em nosso trabalho abrindo as portas para a pesquisa que acabamos de realizar.

Aos nossos familiares, pela paciência e pelo apoio dedicados.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo de estudo investigar as representações presentes hoje no cotidiano escolar, no que se refere ao que seja indisciplina/disciplina, procurando visualizar significados de poder, reação às normas estabelecidas, formas de lidar com as relações na escola, e ainda, como professor e alunos assimilam e vivem as influências do contexto hoje, como a mídia, o autoritarismo, o consumismo, a competição, a afetividade, e as aspirações de vida. A partir da investigação, buscou-se, na leitura dos dados da pesquisa e a partir dos autores consultados, maior clareza destas representações e suas influências no meio escolar. Esta discussão remete também à análise do papel da escola hoje e as formas como vem gestando o “ensinar-aprender”, que compõem o trabalho formal educativo; a idéia, portanto, é de busca de novos paradigmas/concepções para o trabalho pedagógico. Pretende-se através das discussões abordadas, que se possa estar contribuindo para as reflexões que venham a ser feitas na escola pública, na direção de busca de algumas alternativas e mudanças de atitude, exigidas na contemporaneidade, no que se refere à educação/formação do aluno.

SUMÁRIO

RESUMO.....	iv
1 INTRODUÇÃO.....	1
2 OPÇÃO METODOLÓGICA.....	4
3 A QUESTÃO DO PODER NA VISÃO DO ALUNO E DO PROFESSOR.....	8
4 A FORMAÇÃO DE SUBJETIVIDADES E A INFLUÊNCIA DA MÍDIA.....	15
5 LIMITES: É POSSÍVEL A MEDIDA CERTA?.....	20
6 AS PRÁTICAS ESPAÇO-TEMPORAIS NA ESCOLA:	
O DISCIPLINAMENTO DOS CORPOS.....	25
7 NOVOS OLHARES: O NOVO ALUNO APONTA PARA UM NOVO	
PROFESSOR E UMA NOVA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	31
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40
ANEXOS.....	42

INTRODUÇÃO

O contexto brasileiro, reflexo da dominação mundial pelo processo de globalização, traz hoje para os educadores da escola pública grandes desafios no que se refere a sua função histórica de ensinar.

O aluno que vem para a escola hoje sofre todas as ordens de influências e mostra novas configurações no seu processo de ser e de se comportar. Este aluno produto de novas relações, novas formas de cultura, novas formas de ver o mundo ditadas pela mídia, pela evolução tecnológica, pelo consumismo, pela violência, pela injustiça social, mas também por relações variadas próprias do ser humano, exige do educador novos olhares, novas posturas.

As situações complexas e diferenciadas que o professor enfrenta em sala de aula, levam-no à perplexidade e à consciência de que não conhece e não discute as questões fundamentais que determinam esse novo aluno.

No cotidiano escolar, os educadores, aturdidos e perplexos com o fenômeno da indisciplina, tentam buscar, ainda que de modo impreciso e pouco aprofundado, explicações para a existência de tal manifestação. Uns sentem falta das práticas despóticas e coercitivas da escola de outrora; outros vêem a indisciplina como reflexo da pobreza e da violência presente na sociedade, de um modo geral; outros ainda, atribuem o comportamento do aluno à educação recebida na família, assim como à dissolução do modelo nuclear familiar; outros tantos parecem compreender que, a manifestação de maior ou menor indisciplina, no cotidiano escolar, está relacionada aos traços de personalidade de cada aluno; uma outra maneira ainda de justificar as causas da indisciplina na escola,

bastante presente no ideário educacional, é tentar associar o comportamento indisciplinado a alguns “traços inerentes” à infância e à adolescência.

Do ponto de vista do aluno indisciplinado, segundo Rego (1996), os motivos alegados são: o autoritarismo nas relações escolares; a qualidade das aulas; a maneira como são organizados os horários e os espaços; o pouco tempo de recreio; a quantidade de matérias incompreensíveis, pouco significativas e desinteressantes; a aspereza de determinados professores, o espontaneísmo de outros, a escassez de materiais e propostas desafiadoras, a ausência de regras claras, entre outros.

Quando os pais são provocados a analisar as possíveis causas da indisciplina, muitos acabam por atribuir a responsabilidade ao professor e à escola.

É preciso uma compreensão mais aprofundada da problemática da disciplina, que precisa ser revista e discutida nas suas significações e representações do contexto escolar, intimamente ligadas à forma como a escola organiza e desenvolve seu trabalho.

No presente trabalho investigou-se as representações presentes hoje para o professor e para os alunos como reflexos do contexto sócio-econômico atual, no que se refere ao que seja disciplina, procurando visualizar significados de poder, reação às normas estabelecidas, formas de lidar com as relações na escola, e ainda, como assimilam e vivem as influências do contexto hoje, como a mídia, o autoritarismo, o consumismo, a competição, a afetividade, e as aspirações de vida.

A partir desta investigação, buscou-se, na leitura dos dados da pesquisa e a partir dos autores consultados, maior clareza destas representações e suas influências no meio escolar.

Esta discussão remete também à análise do papel da escola hoje e as formas como vem gestando o “ensinar-aprender”, que compõem o trabalho formal educativo. Este, por sua vez envolve o trabalho com o conhecimento e a cultura no seu sentido amplo na formação do sujeito e de subjetividades. A idéia portanto é a contribuição para a busca de novos paradigmas/concepções para o trabalho pedagógico, o que se constitui um desafio e remete à busca de novas metodologias, novas formas de gestar o processo educacional escolar.

Pretende-se através das discussões abordadas, que se possa estar contribuindo para as reflexões que venham a ser feitas na escola pública, na direção de busca de algumas alternativas e mudanças de atitude, exigidas na contemporaneidade, no que se refere à educação/formação do aluno.

OPÇÃO METODOLÓGICA

Para o desenvolvimento desta pesquisa utilizou-se a pesquisa qualitativa, que segundo Bolster (1986), apresenta maior probabilidade de gerar conhecimentos que sejam intelectualmente rigorosos e também de utilidade para a melhoria do ensino; neste encaminhamento metodológico, o pesquisador é ator de um determinado tempo e membro de uma determinada sociedade, portanto refletirá em sua pesquisa os valores e os princípios considerados importantes naquele contexto.

Segundo as autoras Menga Ludke e Marli André (1986), a pesquisa qualitativa apresenta algumas características básicas. Primeiramente no que se refere ao seu ambiente como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. A segunda característica é que o pesquisador deve atentar para o maior número possível de dados de escrita (fotos, depoimentos, entrevistas, etc.). A terceira é o processo, a verificação de como um determinado problema tem se manifestado. A quarta é a tentativa de captar a “perspectiva dos participantes”, a maneira como estes encaram as questões que estão sendo enfocadas e a quinta é a de que a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo, não sendo preocupação dos pesquisadores buscar evidências que comprovem hipóteses que foram definidas a priori.

A presente pesquisa foi realizada em duas Escolas da Rede Estadual de Ensino e envolveu alunos de 5ª série¹ do ensino fundamental e professores deste

¹ A opção por tal nível de ensino, deve-se ao fato de percebermos, em nosso trabalho diário como orientadoras educacionais, a grande dificuldade encontrada pelos professores no que

mesmo nível. Os procedimentos utilizados para a coleta dos dados constaram de questionários abertos e semi estruturados.

Para o levantamento e leitura da pesquisa levou-se em conta as representações que surgiram no grupo pesquisado num primeiro momento e que aspectos anunciavam, a partir das três questões iniciais sobre a disciplina (Vide anexo 1 e 2).

Segundo Moscovici, as representações sociais não são apenas “opiniões” sobre ou “imagens de”, mas teorias coletivas sobre sistemas que têm uma lógica e uma linguagem particulares, uma estrutura de implicações baseadas em valores e conceitos que determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores e das idéias compartilhadas pelos grupos e regem, subseqüentemente, as condutas desejáveis ou admitidas. Esta torna-se uma forma de conhecimento socialmente elaborado e partilhado, que ajuda a compreender os acontecimentos da vida cotidiana, facilita a comunicação de fatos e idéias e situa o pesquisador frente as pessoas e grupos, orientando e justificando comportamentos.

Dauster cita R. Chartier (1990), que, em contrapartida, entende a noção de “representação social”, tendo em vista a sociologia histórica do ato de ler, associada à prática cultural. Seu interesse diz respeito à construção e leitura da realidade social em diferentes espaços e tempos. Neste sentido, “representação” refere-se a esquemas construídos, correspondentes aos interesses que os geram. No grupo social, o indivíduo é obrigado a estabelecer relações entre o que é dito ou pronunciado e o lugar social daquele que o profere. Sendo assim, a representação do indivíduo é uma construção que faz individualmente, a partir

se refere a (in) indisciplina desses alunos que, em sua maioria, se encontram na pré-

das relações que estabelece sobre determinados fatos e fenômenos dos quais participa e sobre os quais também atua.

Assim, pela apreensão do termo “representação”, vê-se que não existem discursos neutros, pois todos estão inseridos em estratégias e práticas de poder e em campos de ocorrências e competições. Determinam imposições de valores e de concepções.

As representações levantadas neste primeiro momento levaram à elaboração de um instrumento mais detalhado, onde questões preponderantes sobre disciplina passaram a ser investigadas (vide anexo 3 e 4). A partir destas análises e com a busca de levantamento bibliográfico procurou-se desenvolver os capítulos deste trabalho, sempre cotejados com as representações identificadas nas respostas e contatos com professores e alunos após a aplicação dos questionários.

Autores como MAKARENKO (1979), AQUINO (1996), VASCONCELOS (2000), GIROUX (1996), REGO (1996), FOULCAULT (1979), ENGUITA (1989) entre outros, subsidiaram esta pesquisa e a sistematização dos dados selecionados como mais importantes para compreender e interpretar o fenômeno estudado. Ou seja procurou-se encontrar os princípios subjacentes a estes fenômenos, e situar as várias descobertas num contexto mais amplo. Segundo Ludke e André (1986), é nesta fase que se busca o desenvolvimento de teorias, processo esse que irá se desenvolver durante toda a pesquisa.

Segundo as autoras já citadas, o pesquisador qualitativo tem como tarefa principal delinear formas, variedades e tipos de fenômenos sociais e documentá-los ordenada e detalhadamente.

Procurou-se na presente pesquisa manter uma atitude flexível e aberta, admitindo várias interpretações e abrindo possibilidades de ampliação e aprofundamento da mesma, sempre recorrendo ao referencial bibliográfico e à investigação de campo do fenômeno em questão.

Os capítulos que seguem, contemplam as questões que, a partir das pesquisas de campo e bibliográficas e das discussões entre autores/orientação da monografia que aparecem como centrais para a reflexão e análise da formação do aluno hoje, tendo como foco a questão da Disciplina :

A questão do poder na visão do aluno e do professor;

A formação de subjetividades e a influência da mídia

Limites: é possível a medida certa?

As práticas espaço - temporais na escola

Novos olhares: o novo aluno aponta para um novo professor e uma nova proposta de educação escolar

A QUESTÃO DO PODER NA VISÃO DO ALUNO E DO PROFESSOR

“O autoritarismo é uma paixão triste, que produz medo, fatalismo, desesperança, cinismo, amargura... Paixão alegre, desejos de vida dão muito trabalho”.

(Madalena Freire)

De acordo com a metodologia indicada no início do trabalho, procurou-se obter dos professores, dados das representações que os mesmos mantêm sobre os termos disciplina/indisciplina, e também das relações com estas representações no contexto da escola e da sociedade. Para tanto, utilizou-se como campo de estudo duas Escolas da Rede Estadual de Ensino do Paraná, o Colégio Estadual Newton Ferreira da Costa em Curitiba e o Colégio Estadual Professor Mário Brandão Teixeira Braga em Piraquara.² Nesta coleta de dados foram distribuídos 30 questionários aos professores com o retorno de 22, sendo que dos alunos foram coletados 82 questionários.

Num segundo momento, após a análise dos primeiros dados levantados na primeira pesquisa, elaborou-se outro modelo de questionário semi estruturado. Nesta fase foram distribuídos 40 questionários aos professores, obtendo retorno de 32 questionários, e aos alunos 93 questionários que foram imediatamente respondidos. Para esta coleta de informações, foram novamente tomadas como campo de estudo as duas escolas já mencionadas.

Os dados iniciais nos permitiram levantar algumas considerações. Eles revelaram que um grande número de professores refere-se ao termo disciplina como sinônimo de “ordem, obediência às regras, organização, respeito aos

² A escolha das duas escolas públicas deve-se ao fato de que as autoras optaram por realizar a pesquisa em locais que trabalham e por ser uma realidade cotidianamente observada.

colegas e ao professor...”, o que indica que os mesmos apresentam reflexos de um processo educacional autoritário, e na sua profissão acabam reproduzindo as relações de poder vigentes na sociedade.

Para esclarecer este dado levantado se faz necessário apresentar um referencial teórico que tenha o propósito de fazer pensar esta situação concreta. Para isto, recorreremos a um pensador contemporâneo, Michel Foucault (1926-1984) que estudou as instituições que cuidam da marginalidade criminal e também a sexualidade. Foucault demonstra de modo consistente que o fato de estigmatizar e reprimir, por meio de procedimentos institucionalmente legitimados e/ou legalmente previstos, incita às práticas que se quer eliminar ou combater. Pensando como ele, de modo diferente, o mesmo ato que reprime, libera!

O autor faz uma ampla discussão sobre poder e afirma que não existe uma teoria geral do poder “(...) não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente” (FOUCAULT, 1979).

Em sua análise Foucault afirma que existem duas formas de exercício de poder para a situação em que alguém não reconhece a ordem estabelecida e a transgredir. Na época clássica esta transgressão era considerada um desacato à honra e à autoridade do rei, a punição era exemplar e a penalidade era castigar o corpo de forma teatral e espetacular.

Para Foucault, a segunda forma de explicar o poder disciplinar, característica da modernidade, é a relação específica de poder sobre os indivíduos enclausurados que incidia sobre seus corpos e utilizava uma

tecnologia própria de controle. Ele afirma que esta tecnologia não é exclusiva da prisão, encontra-se também em outras instituições como o hospital, o exército, a escola... Todas estas instituições têm por finalidade não excluir, mas, ao contrário, fixar os indivíduos em um aparelho de normalização dos homens. A fábrica, a escola, a prisão ou os hospitais têm por objetivo ligar o indivíduo a um processo de produção, de formação ou de correção de produtores. Trata-se de garantir a produção ou os produtores em função de uma determinada norma. A escola, especificamente, não exclui os indivíduos, ela os fixa a um aparelho de transmissão do saber. Segundo Foucault, o sistema escolar é também inteiramente baseado em uma espécie de poder judiciário. A todo momento se pune e se recompensa, se avalia e se classifica, se diz quem é o melhor e quem é o pior. Por que, para ensinar alguma coisa a alguém deve-se punir e recompensar?

Alguns professores em suas respostas escritas apontaram a importância da disciplina como meio para atingir um objetivo proposto. Segundo Vasconcelos (2000) “almejam uma disciplina consciente e interativa marcada pela participação, respeito, responsabilidade, construção do conhecimento, formação do caráter e da cidadania”.

Uma outra consideração muito importante também foi levantada onde o professor afirma “que na escola hoje é uma tarefa árdua competir com os meios de comunicação... e que deve-se tirar proveito disso” . Com relação a esta questão GIROUX (1996) afirma “ que os educadores necessitam fazer converter o pedagógico em algo mais político, indicando tanto as condições por meio das quais educar com o significado da aprendizagem para uma geração que está

experimentando a vida em um sentido totalmente diferente das representações oferecidas pelas versões modernas da escola...”. No capítulo que se segue trataremos mais detalhadamente da questão referente à mídia que é relevante na formação do aluno, influenciando seus desejos, comportamentos, reações, sua subjetividade.

Ao serem questionados sobre a necessidade da disciplina na escola e por que, os professores afirmam unanimemente que ela é essencial para o fazer pedagógico do coletivo e para a formação integral do educando no sentido de prepará-lo para a vida. ENGUITA (1989) mesmo defendendo que a ordem é necessária em algumas situações de caráter mais técnico, chama a atenção para o fato de que a maioria dos professores justificam-na como necessidade pedagógica, além de concebê-la como condição imprescindível de uma instrução eficaz.

O mesmo autor conclui em sua obra, *A Face Oculta da Escola*, que se nós não imaginamos outra forma de aprender senão escutar ou realizar atividades coletivas indicadas por um professor, seremos obrigados a aceitar que não há outra forma de ensinar. A ordem, o silêncio, a imobilidade, a simultaneidade, os horários coletivos advêm da autoridade da escola, mas não são a única forma de organização da educação; esta foi a forma historicamente construída na escola que conhecemos e cuja característica fundamental é a educação para a docilidade, necessária à manutenção do sistema capitalista.

O grande pensador marxista, o italiano Antonio Gramsci, afirma a importância da escola comum e única, entendida no contexto do final do século

XIX , dizendo que ela pode ser autenticamente formativa e pode proporcionar o acesso à cultura:

Uma escola em que seja dada à criança a possibilidade de tornar-se um homem, de adquirir os critérios gerais que sirvam ao desenvolvimento do caráter (...) Uma escola que não hipoteque o futuro da criança e constranja a sua vontade, sua inteligência, sua consciência em formação a mover-se dentro de uma bitola (...) Uma escola de liberdade e de livre iniciativa a não uma escola de escravidão e mecanicidade. (GRAMSCI,1958,p.59)

Essa escola, na concepção de Gramsci trata de uma cultura próxima da vida e situada na história, que portanto prepara e habilita o homem para interpretar a herança histórica e cultural da humanidade e definir-se diante dela. Define essa cultura necessária como sendo "organização, disciplina do próprio eu interior, tomada de posse da própria personalidade, é conquista da consciência superior, pela qual se consegue compreender o próprio valor histórico, a própria função da vida, os próprios direitos e deveres.(...) O homem é sobretudo espírito, isto é, criação histórica, e não natureza" (GRAMSCI,1958, p.24).

Ao analisar as respostas dos alunos, no que se refere à disciplina/indisciplina, as citações confirmaram a relação autoritária, vigente na relação professor-aluno-escola-sociedade, pois os termos mais utilizados pelos alunos foram " bom comportamento, ordem a ser seguida, fazer todos os deveres, comportamento adequado à sociedade...", enfim, as mesmas representações autoritárias internalizadas ao longo de seu processo de formação e também já demonstradas pela maioria dos professores.

Os alunos, no seu cotidiano, são indisciplinados e têm dificuldades para se organizar, porém, mesmo afirmando a importância e a necessidade da disciplina em suas vidas não conseguem atender à disciplina que acham correta.

Fica claro portanto a representação que constroem sobre "disciplina na escola", que acaba tornando-se uma amarra por um lado, às relações

professor/aluno, aluno/conteúdo, aluno/aluno, e por outro, não atinge sua realidade subjetiva e necessidades no processo pedagógico, já que não conseguem cumprir os preceitos que acreditam; ou cumprem com muito custo como algo que não compõe sua personalidade, mas que a influenciará em grande medida, negativamente, a partir de atitudes de passividade, falta de iniciativa, medo de falar/escrever e inibições, tanto na vida escolar como para além dela.

Makarenko, que realizou um trabalho sério e conseqüente com adolescentes na Rússia pós revolucionária, alerta para o repúdio ao simples arbítrio e o incentivo do assumir responsável do educando. Para ele, há necessidade de vivências de participação e de gestão para superação do simples autoritarismo. A disciplina, deve ser entendida como o resultado de todo processo educativo e não como algo que se alcança com sanções ou outras formas de coerção. É necessário que o aluno tenha a oportunidade de compreender o seu significado e que possa exercitar sua capacidade de ação, intervenção no próprio processo de aprendizagem e em suas relações sociais.

Gramsci defende a capacidade de comandar a si mesmo, de se impor aos próprios caprichos, desde que tenha consciência da necessidade livremente aceita de organização para o que se propõe a viver na escola. Não será, para este autor, com regras impostas de fora que o aluno alcançará esta organização ou disciplina. Afirma que “disciplinar-se é tornar-se independente e livre” (GRAMSCI, 1976), o que elimina o uso de coerção e arbítrio. Em suas palavras, colocou o acento da “disciplina na sociabilidade, e pretende todavia sinceridade, espontaneidade, originalidade, personalidade, eis o que é difícil e árduo”(GRAMSCI,1976).

Enfatiza assim a “direção consciente” e a “espontaneidade”, que só pode ser conseguida se fixada pelos próprios membros da coletividade.

As questões postas ao educador no que se refere aos processos de poder na sociedade e na escola, exigem discussões sobre questões portanto urgentes, que neste momento inicial desta discussão, tenta-se abrir, e que na continuidade acredita-se que se possa estar contemplando aquelas que se referem aos reflexos do poder da sociedade capitalista para com o indivíduo e a instituição social e escolar.

A FORMAÇÃO DE SUBJETIVIDADES E A INFLUÊNCIA DA MÍDIA

“ (...) há que se cuidar do broto para que a vida nos dê flor e fruto.”

(Milton Nascimento e Wagner Tiso)

As relações sociais que acontecem no espaço da escola são permeadas por representações sociais que existem também na sociedade e tais representações sociais, na atualidade, configuram-se numa forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado na vida cotidiana, por todos os indivíduos. A escola se constitui um espaço tempo de produção de sujeitos, meninos e meninas em homens e mulheres, isto é, forma subjetividades, como se referiu no capítulo anterior.

A subjetividade do indivíduo envolve todas as peculiaridades constantes à condição de ser sujeito.

Para compreender como se dá a formação da subjetividade, é necessário entender quem é o sujeito. “Sujeito é o indivíduo capaz de agir por si mesmo, capaz de pensar, decidir e atuar conforme a sua própria decisão”. (MANCINI, 1994) A formação deste indivíduo com essa subjetividade complexa, vai sendo amalgamada conforme a cultura dominante em cada sociedade. Portanto, no decorrer do processo de formação, são incorporados hábitos, costumes, um idioma, valores e padrões de comportamento de uma certa cultura.

A faixa etária do grupo de alunos pesquisados, envolve pré-adolescentes e adolescentes, que naturalmente estão numa fase peculiar do desenvolvimento do ser humano. Essa fase é determinada por fatores biológicos, psicológicos e sociais.

A adolescência até algum tempo atrás, era considerada meramente uma etapa de transição entre a infância e fase adulta. Na atualidade ela vem sendo considerada como momento fundamental do desenvolvimento do indivíduo com a definição da imagem corporal e da personalidade. Esta fase, de transformações psicossociais, é construída de acordo com o ambiente sócio-cultural em que vive o adolescente. Não se pode definir a adolescência buscando-se apenas os fenômenos psicológicos mas principalmente sob a perspectiva do estabelecimento da identidade pessoal.

A identidade está relacionada com a percepção da imagem corporal (imagem que o indivíduo tem de seu corpo) e integração social (capacidade de inter-relacionar-se com pessoas, inicialmente familiares e posteriormente com outras pessoas). O sentimento de identidade define-se na interação do que eu penso que sou – o que os outros pensam que sou – o que eu penso que os outros pensam que eu sou.

Essas várias referências que contribuem para a formação do ser humano advém da família, da escola, dos grupos sociais aos quais pertence (igreja, amigos...) e ultimamente, de maneira cada vez mais significativa, da mídia.

Reportando-se ao pensamento de Foucault (1989) o sujeito unificado e poderoso da filosofia moderna passa a ceder lugar ao sujeito descentrado, pós-moderno, despojado de uma identidade fixa, essencial ou permanente.

Em 1995, Foucault em sua conferência "o Sujeito e o Poder", apresenta dois significados para o termo sujeito – "sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou auto

conhecimento”. Neste momento ele se refere a um sujeito captado, que num enredo histórico do poder e do discurso, torna-se “sujeito a “.

Posteriormente, Foucault afirma que “as práticas sociais podem chegar a engendrar domínios de saber que não somente fazem aparecer novos objetos, novos conceitos, novas técnicas, mas também fazem nascer formas totalmente novas de sujeitos e de sujeitos de conhecimento” (p.8).

O surgimento dos meios de comunicação eletrônicos, a mídia, têm assumido um papel fundamental na cultura das massas, e têm se convertido em um substituto da experiência. Eles estão presentes no cotidiano das pessoas, criando desejos, impondo hábitos e sugerindo necessidades.

O mundo “moderno” passa por uma “reordenação do capitalismo em escala planetária, configurando-se não apenas como um modo de produção econômico que vai rompendo cada vez mais sob sua lógica do acúmulo privado – as estruturas políticas que limitam-lhe os movimentos como um modo de produção de subjetividade em escala mundial” (MANCIE, 1994).

Percebe-se que o mesmo produto, de uma mesma marca percorre a maior parte do mundo e é vendido em cada país, manipulando subjetividades para que seja desejado e consumido.

As referências históricas de formação de subjetividades , estão perdendo cada vez mais espaço para os meios de comunicação de massa. “As festas que marcavam os ciclos da vida comunitária são cada vez menos freqüentes e mais impessoais (...) as famílias não mais se visitam, como outrora; quando pais e filhos se reúnem em casa, algumas poucas horas por dia no início da noite, normalmente dialogam pouco, e o fazem assistindo televisão” (MANCIE, 1994).

No capítulo anterior levantou-se uma consideração importante referente aos meios de comunicação. No grupo de professores pesquisado foi afirmada a grande preocupação destes relativa à mídia. Esse tema tem gerado muita discussão no mundo acadêmico e na escola.

Outro fato muito importante foi levantado nas respostas dos alunos, quando estes, ao responder sobre seus ídolos, apontaram em sua maioria, personagens da mídia.

Muitos teóricos de diferentes tendências estão voltados para uma necessidade de enfrentamento aos desafios que tem se apresentado no mundo contemporâneo. Eles necessitam posicionar-se frente à crise de representações que tem provocado um mundo com pouca segurança psicológica, econômica ou intelectual. Ídolos como Jean-Claude Van Damme, bonito, forte e herói de filmes violentos; Sandy e Júnior, adolescentes ricos, bonitos e famosos; enfim modelos de sucesso num mundo capitalista, competitivo e excludente, estão liderando a preferência de pré-adolescentes, em importante fase de formação de subjetividade; são ídolos imitados, mas que também geram frustrações e desejos insuspeitados de ter , que fogem à realidade social dos estudantes da escola pública na maioria das vezes.

O ponto crucial desta questão é que “os educadores estão tratando com um novo tipo de estudante, forjado na organização de princípios criados pela intersecção da imagem eletrônica, da cultura popular e do sentimento fatal da indeterminação” (GIROUX, 1996).

É importante que os educadores compreendam que as diferentes identidades entre os jovens estão sendo criadas em esferas geralmente ignoradas pela escola.

Por isto, os educadores/professores deverão tomar também como metodologia, as linguagens cinematográficas, virtuais e outras, postas na mídia, buscando espaços para trazer o comentário, a crítica, o desvelamento sobre o que se vê e o que se aprende na TV, nos filmes. Evidentemente que esta é uma primeira atitude e a partir daí cada vez mais será necessária a atitude constante de pesquisa, no sentido de perceber o aluno e suas representações a partir da mídia e das questões que o mundo contemporâneo trazem para a visão do papel da escola e do educador na formação de subjetividades.

LIMITES: É POSSÍVEL A MEDIDA CERTA?

Passamos toda a infância procurando esquecer a criança que éramos na véspera. O crescimento é isto. E a criança não deseja nada além de não ser mais criança.

(ALAIN, 1948)

A preocupação com a imposição de limites na educação dos jovens é uma questão complexa na sociedade atual. Este também foi um fator freqüentemente apontado pelos professores como causa de indisciplina entre os alunos e na relação com os professores e a escola; em contrapartida, também foi a questão apontada para ser trabalhada com pais, professores e alunos, no sentido de discutir os limites necessários para que se possa desenvolver um processo educativo mais coerente do indivíduo, na sociedade atual.

Numa visão sócio-histórica, na qual as teorias do psicólogo russo Vygotsky tiveram grande contribuição, pode-se afirmar que com relação ao comportamento desse novo aluno no que se refere aos problemas de disciplina/indisciplina, a cultura passa a ser a base de estudo dos grupos sociais do indivíduo.

A cultura passa a ser interpretada como normas e costumes de uma sociedade. Estas normas vão sendo gestadas e criadas historicamente, mas neste processo de criação, podem em dado momento, ser rejeitadas, desrespeitadas ou refutadas. Pode-se constatar este fato nos grandes movimentos promovidos em geral pelas gerações mais jovens contra a arbitrariedade e julgamentos morais da sociedade. (CAMPOS, 2001).

Para Vygotsky, o homem desenvolve as funções superiores através das interações sociais e que estas se desenvolvem a partir da socialidade.

A socialidade exige a consciência, para que o indivíduo venha a fazer deliberações. Se imposta com palavras de ordem, poderá estimular o comportamento em série, como num exército. A imposição tem implícita a idéia de que os comportamentos podem ser treinados e esta é uma forma primitiva de vivência social, que aprova as atitudes de agressividade e violência para se atingir um fim. A socialidade verdadeira, pressupõe a formação da individualidade e compreende a personalidade, a consciência e o comportamento a partir da interação, que pressupõe ajuda mútua, onde o ser é considerado a partir de sua história de desenvolvimento que não é natural. A socialidade pressupõe não só "estar", mas "viver" com o outro. (CAMPOS, 2001)

Içami Tiba, psicoterapeuta que tem mais de 27 anos de prática clínica com adolescentes e familiares, diz que esta dificuldade de imposição de limites se deve à ânsia dos pais em dar aos filhos uma educação menos autoritária do que a que receberam: “ No passado, o limite era castrador. Ou seja , mesmo se o pai estivesse sem fazer nada – nem vendo TV porque ela ainda não existia, os filhos não podiam se aproximar... Muitos pedidos dirigidos ao pai não eram verdadeiramente necessidades, mas vontade de conviver com ele”.

Essa figura ameaçadora e punitiva do pai foi criando uma revolta íntima e o anseio de fazer tudo diferente quando tivessem seus filhos. Foi assim que surgiram os pais anti-repressivos e com dificuldades de impor limites. Um sentimento é a vontade e a proposta de ser um pai modelo e a outra é a realidade de conseguir sê-lo. Na briga entre as duas faces da moeda, o filho perde as referências, Tiba conclui.

O psicoterapeuta também argumenta que pais e mães que trabalham fora convivem cada vez menos tempo com seus filhos e, não raro, não sabem aproveitar adequadamente o pouco tempo de convivência. Essa falta de tempo, mal de nossos dias, quase sempre vem acompanhada do sentimento de culpa, principalmente entre as mães, já que historicamente a elas foi atribuída a função de cuidar e educar os filhos. Por mais que seja adequado dizer um não, ainda assim custa para a mãe aplicá-lo. Desta forma é freqüente os pais tentarem compensar a culpa dando aos filhos tudo o que o dinheiro pode comprar, chegando ao absurdo, por exemplo, de dar a um pré-escolar um telefone celular , fazendo os maiores sacrifícios para isto.

Embora este não seja um problema na escola pública, a questão dos limites, no que se refere aos pais, também aparece. Algumas mães até delegam e cobram da escola a imposição de limites, que em casa não conseguem resolver.

A idéia é que se possa pensar a forma de tratar a criança, levando em conta o contexto social em que esta vive, mas reconhecendo alguns princípios que possam dar equilíbrio à intenção dos pais e da escola, no que se refere ao que seria mais coerente pensar para educar considerando limites que sejam barreiras intransponíveis e castradoras para o aluno.

O psicólogo Ives da La Taille (1999), faz uma reflexão sobre o conceito de "limite". Ele aborda o tema de três formas diferentes e complementares:

A primeira: pensar os limites como fronteiras a serem transpostas, tanto para a maturidade quanto para a excelência, especialmente as virtudes morais. A segunda: pensa-los como fronteiras a serem respeitadas, portanto não transpostas, questão central para a moralidade. A terceira: pensar os limites como fronteiras que a criança deve construir para proteger sua intimidade e privacidade. (LA TAILLE, 1999)

Nessas abordagens o autor enfatiza tanto os aspectos de desenvolvimento infantil quanto de educação. Mas "limite" no sentido comumente empregado, que interessa aos educadores em geral e que serve também para expressar uma queixa em relação à geração mais jovem, é a enfatizada na segunda forma: a fronteira que não deve ser transposta, a demarcação de um domínio que não deve ser invadido.

Segundo La Taille o limite como fronteiras a serem transpostas, (primeira forma) na verdade tem sufocado a maioria das crianças de hoje, pois elas são convidadas a permanecer em seu "mundo" infantil ou adolescente, o que vem a reforçar o seu egocentrismo, não permitindo uma compreensão correta de parte do conhecimento, isso aliado a uma desfiguração dos conteúdos. Quanto ao

limite, que é uma imposição física ou normativa (segunda forma), são faces de uma mesma moeda: freqüentemente é a mesma pessoa que não transpõe os limites a serem superados, a que atravessa aqueles a serem respeitados. "A colocação de limites, no sentido restritivo do termo, faz parte da educação, do processo civilizatório e, portanto, a ausência total dessa prática pode gerar uma crise de valores, uma volta a um estado selvagem onde vale a lei do mais forte".

A não colocação de limites pode tanto ser prova de humildade como de descompromisso em relação aos filhos e ao futuro do mundo. Muitos jovens acabam se queixando da posição de seus pais e educadores, na falta de imposição de limites, interpretando suas atitudes como simples ausência.

Este fato aparece claramente na investigação quando os alunos afirmam que os professores devem ser mais severos, punir mais e ser rigorosos com os alunos em sala. Apontam como solução para os alunos indisciplinados, chamar sua família para conversar sobre os problemas de seus filhos.

A reportagem do jornal Gazeta do Povo em 1997, publicada após o acontecimento de cinco crimes bárbaros praticados por adolescentes, alguns deles da classe média alta, nenhum possuindo antecedentes criminais e apenas um suspeito de ser usuário de drogas, apresenta relatos de especialistas em educação de jovens.

Silvia Grassano relata que a preocupação com a imposição de limites na educação de filhos tem sido uma constante entre pais, psicólogos e educadores. Mas diz que na mesma medida parece ser cada vez mais difícil transmitir para as crianças e adolescentes a noção de que eles têm tanto direitos quanto deveres.

É importante que pais e educadores em geral, percebam que podem estar criando uma geração de prazer sem custos pois muitos perderam a noção da medida de limite. A consequência direta disso é a indisciplina globalizada e a escola, instituição também responsável pela educação das crianças, está absorvendo boa parte dessa situação não conseguindo resolver questões tão complexas e historicamente enraizadas nas crianças/adolescentes.

Por outro lado, a escola também se constitui, ainda em nossa sociedade, num espaço e num tempo especiais para a produção de sujeitos e de subjetividades. O que ela faz do período de tempo que dispõe e dentro dos limites de seu espaço, tem múltiplos significados. É também no trabalho da escolarização e socialização que os sujeitos constroem suas respostas, suas resistências e adesões, fazendo-se a si mesmos.

AS PRÁTICAS ESPAÇO-TEMPORAIS NA ESCOLA: O DISCIPLINAMENTO DOS CORPOS

“O homem temerá a espontaneidade até que aprenda a exercitá-la e a servir-se dela”.
(Jacob Levy Moreno)

Na modernidade, homens e mulheres criaram uma instituição própria para educar seus jovens e crianças. Esse lugar, chamado escola, é inclusive garantido legalmente como direito do cidadão.

Veiga Neto (2000) explica “a escola moderna como a grande instituição envolvida com o disciplinamento dos corpos infantis, em especial no que concerne aos usos que tais corpos fazem do espaço - denotado pela palavra sentadas - e do tempo - denotado pela palavra pontualmente”, com isso ele denuncia o papel reprodutor da escola moderna. Isto significa que para vivermos civilizadamente no mundo moderno é necessário o disciplinamento. A escola apresenta um leque de possibilidades, e dentro de um quadro mais amplo ela inclui práticas disciplinares que envolvem alguns artefatos escolares (como o currículo) e vários outros elementos (sociológicos, econômicos, políticos, culturais ou lingüísticos).

A intenção deste texto não é a referida inicialmente, de analisar o papel da escola na modernidade, mas sim de relacionar alguns processos espaço temporais que persistem mesmo em tempos pós-modernos, no funcionamento da instituição escolar.

Além dessa questão, espaço-tempo, estar diretamente ligada a temática da indisciplina, ela foi também apontada pelos professores como uma de suas causas. Inclusive nesta mesma pesquisa de campo, foram apontadas sugestões, para a melhoria da disciplina na escola, como “a melhoria do espaço físico, com

cadeiras mais confortáveis e distribuídas de forma diferente que as tradicionais, em fileiras...”

Com relação à docilização do corpo, Foucault (1989) afirma que pelo poder disciplinar, o corpo pode ser entendido em sua dimensão econômica, na medida em que a disciplina funciona minimizando a força política e maximizando a força útil ou de trabalho.

Assim, pode-se dizer que o poder microscópico sobre o corpo – distribuído por toda a rede social, nos permite enxergar inúmeras práticas que acontecem no ambiente escolar, e que dão origem a uma verdadeira tecnologia cujo fim, é tanto alcançar os corpos em suas ínfimas materialidades, quanto imprimir-lhes determinadas disposições sociais. Enfim as técnicas envolvidas no poder disciplinar operam primária e necessariamente num espaço e num tempo determinados.

Várias práticas e vários artefatos se firmaram desde a idade moderna contribuindo para se obter uma maior economia do poder disciplinar: a invenção das classes ordenadas por idade e por desempenho das crianças, as filas durante os deslocamentos; a posição relativa que os alunos ocupam dentro de cada classe, em função de seus atributos biométricos ou em função de outros critérios; a posição que cada um ocupa num ranking de desempenhos (nas freqüentes avaliações) e até mesmo a composição do currículo, que na maioria das vezes nada tem de natural.

O resultado da combinação de todos esses elementos é que o poder disciplinar atinja a todos da maneira mais minuciosa possível.

Esse poder microfísico, em primeiro lugar implica que, de preferência os corpos estejam submetidos a algum tipo de cerceamento ou confinamento que os torne acessíveis às ações do poder. A clausura – em tantos aspectos copiada pela escola – é o exemplo limite desse confinamento.

Em segundo lugar, dentro desse confinamento, é preciso “estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, (...) poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um” (Foucault, 1989). Para isso o quadriculamento é a melhor imagem para uma distribuição em que a lógica é um lugar para cada corpo e um corpo em cada lugar.

O princípio da funcionalidade é o terceiro ponto importante na distribuição. Dessa forma cada quadrícula deve guardar uma certa correspondência à sua função, no conjunto da rede de que ela faz parte. A função de uma quadrícula é desempenhada pelo corpo que ela ocupa.

Em quarto lugar a distribuição espacial dos corpos não apresenta obrigatoriamente uma correspondência simétrica ao espaço físico. O que realmente interessa não é o território nem o local, em termos físicos, mas sua posição em relação aos demais, e desses demais entre si e assim por diante.

Dessa forma a distribuição espacial é sempre uma questão relacional, que visa obter a maior economia na circulação do poder disciplinar. O corpo é quem institui e organiza o espaço, enquanto o espaço dá um “sentido” ao corpo. Dito de outra forma, o poder microfísico atinge uma célula ocupada por um corpo. Esse corpo é que dá materialidade à célula, enquanto que o poder disciplinar, atualiza a virtualidade da célula, pois sem o corpo a célula não teria sentido e estaria fora do poder disciplinar.

Da mesma forma que o espaço, o poder disciplinar utiliza-se de uma seqüência ordenada do tempo em que se dão as experiências individuais, para uma maior economia..

Primeiramente é necessário que o tempo seja particularizado, individualizado, ou seja, o tempo vivido por alguém é separado tanto do tempo físico (ao longo do qual se desenrola sua vida), quanto do tempo social, o qual é construído socialmente. Essa percepção do tempo – como a do espaço – é eventual e incerta.

A separação entre tempo subjetivo e o tempo social/coletivo funciona como condição de possibilidade para o processo de individualização e diz respeito tão somente a uma facilitação para que cada corpo seja mais fácil, pontual e economicamente atingido e perpassado pelo poder disciplinar.

O tempo subjetivo, ou subjetivado deve ser fracionado, fragmentado, microscopizado. No âmbito escolar e microscópico isto torna-se claro, pois está construído de uma maneira muito eficiente através dos horários, da seriação, ou numa escala intermediária, pela programação semanal ou mensal. Essa materialização efetivada na agenda, tanto nos coloca , quanto nos permite colocar as crianças, desde cedo, num duplo aprisionamento.

Esse tempo subjetivado não está reduzido apenas ao rebatimento do tempo físico sobre o corpo individualizado, ele contribui significativamente para o controle minucioso sobre os movimentos do corpo atrelado aos objetos que o circundam. Nas práticas escolares é muito importante indo desde o treinamento corporal até o melhor uso dos objetos, do domínio dos movimentos, até a otimização das habilidades individuais.

O espaço e o tempo não são simples cenário onde se dão as ações, são muito mais do que isso, as ações se instituem num tempo que tem sentido para os indivíduos. Dessa forma, o tempo se institui e se organiza pela ação dos homens.

Na verdade, o avanço da escola moderna culminou na mais ampla e universal máquina capaz de fazer dos corpos, o objeto do poder disciplinar, e assim, torna-los dóceis. Os resultados disso tanto em nível individual quanto populacional foram grandes.

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que essas concepções de tempo e espaço são criadas necessariamente através de práticas e processos materiais que servem à reprodução da vida social. Cada modo distinto de formação social incorpora um agregado particular de práticas e conceitos de tempo e de espaço.

Frente a todas as grandes e rápidas transformações pelas quais está passando o mundo atual, é ainda necessário fabricar corpos dóceis?

Será que a escola, neste momento, torna-se importante por ser um lugar pelo qual devam passar todas as crianças, a fim de aprenderem a viver nos espaços e nos tempos em que o mundo quer colocá-las?

Vivemos numa época de incerteza e insegurança, assistindo ao empalidecimento da escola como a grande instituição disciplinar. Se pretendemos pensar, dentro de nosso tempo, na busca de um mundo mais justo e mais feliz, devemos refletir com muita clareza acerca de nossas práticas espaço – temporais, e principalmente, ao que estamos submetendo nossas crianças - fora e dentro da escola.

O processo de escolarização, para alcançar seus resultados, é um processo continuado, minucioso e lento. Esse processo, tramado nas múltiplas

redes de relações sociais e também de poder está presente no cotidiano das crianças/adolescentes; está presente tanto na família, como na escola e pode fazer a diferença; pode abrir possibilidades de construção de novas identidades ou pode contribuir simplesmente para a formação da “normalização” de sujeitos.

O processo de escolarização, se dá e se constitui no interior e através de múltiplas redes de relações sociais, nas quais todos estamos envolvidos (LOURO, 1996). O que a escola faz no espaço/tempo em que o aluno a frequenta, tem relevância e pode abrir ou fechar possibilidades de busca e construção de identidades singulares, que possam descobrir formas de se emancipar e exercer cidadania no contexto social em que vivem. (grifo nosso)

NOVOS OLHARES: O NOVO ALUNO APONTA PARA UM NOVO PROFESSOR E UMA NOVA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO ESCOLAR

Hoje
Hoje há uma nova luz no horizonte e é uma dádiva o dia.
Hoje, momento a momento, muda o mundo, a vida acontece, germina o futuro.
Hoje é o chão da existência.
(Kolody, 1985)

Reafirmando o momento da sociedade hoje, estamos vivendo uma época de mudança valores e costumes de forma rápida. A educação, como um dos direitos do cidadãos, sofre os efeitos desta mudança e a escola não poderia estar à margem deste processo.

Na escola, educadores, alunos e comunidade estão sujeitos a essas mudanças e isto se reflete nas expectativas, na prática pedagógica, no nosso cotidiano.

Há novos significados, novas representações em jogo.

A partir da análise da pesquisa efetuada, tem-se algumas indicações O aluno se sente responsável pela falta de disciplina, mas também acha que o professor é muito importante no processo ensino-aprendizagem, e afirma que “conversar ajuda muito, bem como o encaminhamento das aulas” .

Segundo Vasconcelos (2000) :

A função da escola é a formação do homem novo e da nova sociedade. Este homem novo deve ter capacidade de autodeterminação; toda ação do professor, da escola, da família e da sociedade deveria ajudar a formar este autogoverno. O que está acontecendo é que tanto o professor, quanto a escola e a família não estão com seus autogovernos definidos, ficando o aluno desorientado também.

O desafio da educação consiste em situar a escola como espaço de conflitos, de discussão da prática escolar, não aceitando verdades acabadas, absolutas. As mudanças que estão acontecendo precisam ser digeridas e

praticadas num tempo tão pequeno que a discussão é dificultada. Mas é preciso resistir à acomodação.

Estimular a independência de juízo de cidadãos cultos, pressupõe a formação para a autonomia. Quando os alunos finalmente se sentem sujeitos, no processo ensino-aprendizagem, em alguns momentos são chamados de indisciplinados.

O novo aluno, com o qual estamos convivendo no espaço da escola, nos traz novas representações sociais, onde a mídia aparece como determinante, mobilizando as pessoas na busca de sua realização pessoal. Vale lembrar o momento da pesquisa, quando se perguntar aos alunos quais os ídolos, que preferem e, percebem-se a influência que tem a mídia: a maioria respondeu com ídolos de novelas, jogadores e cantores todos bem sucedidos do ponto de vista de uma sociedade capitalista como foi possível detectar.

Como fica a escola, invadida assim pelos ídolos que não necessariamente possuem escolaridade e nem falam dessa escolaridade, como se ela não fosse necessária para se ter sucesso?

Os alunos se vêem, então no limite entre a realidade de sua escola, de seu cotidiano, e o que a mídia apresenta. Mance (1994) afirma:

“Poder, luxo, fama e riquezas são elementos que, fazem parte, em alguma medida, das utopias veladas da massa alienada, cujos arquétipos se identificam com personagens fictícios e vitoriosos apresentados pela mídia como modelos de realização pessoal”.

No processo de ensino-aprendizagem, temos do outro lado, e não menos importante, a participação e por conseguinte, a influência do professor na vida do aluno.

Na pesquisa feita com os professores, aparece a idéia do papel de “mediação da aprendizagem”, como interferência na formação do aluno.

O professor no atual momento histórico, econômico e cultural, passa também por um processo de mudança de paradigmas e de representações sociais. O que poderá oferecer a esta nova geração de jovens, no que se refere ao conhecimento e à cultura desejados e necessários?

Partindo da pesquisa realizada percebe-se que os educadores estão conscientes da necessidade de mudança de valores na sociedade, e também da sua formação que não atende às novas demandas.

Essa realidade no âmbito da escola, mostra-se insatisfatória para os estudantes, devido ao fato de que as mudanças dos discursos, e das propostas não se concretiza na prática.

Segundo Sacristàn “ as mudanças culturais chegam às escolas através dos currículos, mas apenas na medida em que se plasmam em práticas concretas”.

Os conteúdos dos currículos são um artefato cultural, um conjunto de práticas que se vão moldando, ao longo do processo educacional escolar. Os professores dedicados à prática em um contexto institucional e curricular, são intérpretes da “cultura pedagógica”. A qualidade do conteúdo curricular concreto é o resultado da ação do professor, como mediador no processo ensino-aprendizagem.

O mundo moderno, com seus avanços técnico-científicos, colocou em crise a vida na sociedade, promovendo o aumento das desigualdades sociais e econômicas entre os povos, a degradação do meio ambiente, a escassez de recursos não renováveis, e conseqüentemente, os perigos de uma técnica e uma ciência descoladas de valores morais e éticos (clonagem, desenvolvimento de armamentos, alimentos transgênicos); com isso, inicia-se uma onda de questionamentos relacionados à idéia de progresso relativo, e não verdadeiro.

Nesse contexto a escola detém os ecos do debate que acontece na sociedade, e tenta, timidamente, frente à mídia, lutar pelo ressurgimento de outros valores, de outros conhecimentos, de outra idéia de qualidade de vida e bem estar.

O desafio, para a escola pública, continua sendo o de encontrar formas adequadas de promover a formação integral do aluno, resgatando os valores morais e éticos necessários para a transformação social.

Só assim homens e mulheres, independente da classe social, religião ou filiação política terão garantido o direito de se educar, inserindo-se no amplo leque da cultura de sua época e capacitando-se a contribuir para a criação de novos conhecimentos sobre o mundo em que vivem, conhecimentos científicos e tecnológicos, filosóficos e artísticos, pois a sociedade em crise exige a formação de uma massa crítica de gente educada e comprometida com a criação coletiva de solução para os graves problemas que se colocam. (GARCIA, 1996)

A partir da participação coletiva dos profissionais da escola, as questões aqui levantadas merecem espaço nas reuniões pedagógicas principalmente na elaboração do Projeto Político Pedagógico, onde todos deverão discutir/refletir: Quem é o aluno hoje e quais metodologias são importantes para a sua educação/formação?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de liberdade mais sublime e revolucionário do homem, transformado em sujeito social, é emitir a crítica, propor soluções e responsabilizar-se pelas conseqüências de ambas as ações.

(Paulo Freire)

A idéia de trazer representações, é no sentido de que os sujeitos da prática pedagógica trabalham com construções, leituras que fazem da sociedade e das relações que constroem na escola, sobre as normas, regras, que asseguram a disciplina, e que também, da forma como é tomada, é uma reconstrução dos rituais escolares através dos profissionais da educação e dos educandos.

Procurou-se levar em conta a própria ansiedade dos educadores hoje, em sala de aula, ao ver que estão nebulosas as questões a que devemos nos remeter hoje para discutir a disciplina e a organização da escola, visando uma aprendizagem real, procurando maior clareza das questões implicadas atualmente na organização do educando para aprender.

A escola hoje ainda é um espaço que também produz sujeitos sociais e deve discutir seus tempos/espacos/limites permeados por relações de poder. Estas organizações fecham ou abrem espaços para a construção de igualdades, inclusão.

Cabe portanto discutir tais categorias no sentido de buscar formas de abrir este espaço a partir da compreensão das novas exigências contemporâneas, e sobretudo da criação de vínculos positivos do aluno com a escola.

No presente trabalho monográfico, no decorrer das leituras e da pesquisa percebe-se que nós, educadores, precisamos fazer uma análise aprofundada e

conseqüente do momento em que vivemos, no âmbito escolar ligados aos aspectos levantados como indisciplina e da transformação que almejamos.

Os dados levantados na pesquisa com os professores denotam que os mesmos são reflexos de um processo educacional autoritário, e acabam na escola, reproduzindo as relações de poder, existentes na sociedade.

Ao analisar as respostas dos alunos, as citações confirmaram a relação autoritária, que existe na relação aluno-professor-escola. O bom comportamento, ordem a ser seguida, fazer todos os deveres, o comportamento adequado à sociedade... são representações autoritárias internalizadas no seu processo de formação, já demonstradas pelos professores que claramente não conseguem cumprir.

Em uma época de mudanças de paradigmas na sociedade, temos um novo aluno, um novo professor, um novo cidadão, e por conseguinte, a educação sofre os efeitos desta mudança.

Há um desafio para os educadores: resignificar a escola, vê-la como espaço de conflitos de discussão da prática escolar, não aceitando verdades acabadas e absolutas. Urge a mudança, urge a transformação das ações pedagógicas não para atender às novas configurações sociais somente, mas para nelas, não perder de vista o homem.

Que aluno sonhamos? Que alunos temos?

Que educadores sonhamos ser? Que educadores somos, hoje?

É preciso enfrentar os questionamentos, olhar no espelho, procurar novos caminhos, novas respostas. Os teóricos consultados nos apontam possibilidades

e alternativas que devem ser buscados para acompanhar/responder às mudanças da sociedade e da escola.

Importou saber, a partir das reflexões realizadas, que o educando hoje não incorpora mais normas disciplinares, no sentido de realizá-las na escola ou ao longo da vida.

O papel da escola sempre foi o de normalizar, a partir da relação de poder, rituais curriculares que formavam um homem passivo, uma subjetividade que reproduz relações de dominação.

É importante recolocar tais questões, considerando a formação da subjetividade, que extrapola a escola, analisando os discursos da mídia, e a partir de metodologias de trabalho que englobam uma ação crítica para com as imposições da TV, do cinema, etc... em uma busca de resignificação do trabalho escolar, em busca de um sujeito que conquiste coletivamente e individualmente a autonomia.

A discussão dos limites, com pais e professores, tanto do espaço/tempo escolar, como do que pode se esperar hoje do espaço familiar, devem estar em pauta, no sentido de refletir sobre novas formas de gestar as relações professor/aluno, escola/família, práticas curriculares.

A disciplina, ou a sua construção, passa pela construção do homem, no mundo, por isso, é um assunto que extrapola o âmbito da escola. Passa pela ética, pela política, pela filosofia. Como nós educadores, podemos contar aos nossos alunos, dos quais tanto cobramos a disciplina, sobre as revoluções, as revoltas, justas e sérias, que mudaram o mundo, sem tocarmos nessa questão, da contestação do momento político, do poder estabelecido? É relevante discutir

seriamente com os alunos e a comunidade escolar, quais os objetivos da escola, e o que fazer para alcançá-los, tornando tanto a escola, como a sociedade, mais justa, mais democrática. O movimento de discussão da disciplina como construção, com participação de todos os envolvidos no processo educacional, combinação de regras, e levando em conta o contexto cultural do aluno, tenderá à maior realização do homem como sujeito de sua história.

Importa rever formas de pensar o espaço/tempo escolar, não mais para criação de sujeitos passivos, acomodados. Importa também rever as relações de poder presentes nas formas de engendrar o processo ensino/aprendizagem, para evitar “normalização” e buscar, na cotidianidade o que a escola produz e reproduz no que se refere às diversidades e desigualdades. É no espaço escolar que os sujeitos poderão construir, a depender dos novos encaminhamentos metodológicos, suas respostas, resistências e adesões, formando sua subjetividade singular.

A escola deve se constituir em um espaço também de atividades culturais que catalizam a vida e a disposição do adolescente para ideais, criações, lutas sociais, indignação. Tais disposições podem ser engendradas através dos conteúdos/metodologias escolares tratadas a partir da concretude dos contextos contemporâneos, de onde vem o aluno. Há que se criar espaço para vivenciar peças teatrais, discutir cinema e TV, refletir sobre questões sociais prementes, sobre a destruição do meio ambiente, que são questões que dizem respeito ao homem contemporâneo.

Estes desafios, estão postos a todos os educadores e a intenção do presente trabalho é sobretudo levantar, a partir da discussão da

disciplina/indisciplina no contexto escolar, a questão maior que tem a ver com o papel da escola na atualidade, na busca de maior coerência e cumprimento da sua real função social.

Cabe ressaltar que não se pretende esgotar tais questões, as quais remetem a mais estudos e atitude de pesquisa dos educadores nas perspectivas apontadas. Sobretudo o presente trabalho monográfico constitui-se em um momento importante de reflexão, que possa constituir em contribuição a todos os educadores que pretendem adentrar as categorias aqui apontadas como preponderantes para o problema com a disciplina na escola pública hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AQUINO, Julio G. Indisciplina na escola : alternativas teóricas e práticas. São Paulo : Sumnus, 1996.
2. CAMPOS, Maria C. S. de Souza. Educação: agentes formais e informais. São Paulo: EPU, 1985.
3. CAMPOS, Regina Celly. A Questão da disciplina numa visão sócio-histórica. Projeto ler e escrever bem: um projeto possível para a escola pública. Caderno de Alfabetização – UFPR, 2001.
4. CANDAU, V.M. (org). Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender. ENDIPE. Rio de Janeiro : DP&A, 2000.
5. CAPRILES, René. Makarenko: o nascimento da pedagogia socialista. Scipione, 1989.
6. ENGUITA, Mariano F. A face oculta da escola: educação e trabalho no Capitalismo. Trad. Tomas Tadeu da Silva. Porto Alegre : Artes Médicas, 1989, 272p.
7. FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: Nau. PUC-Rio
8. _____ Microfísica do poder . Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
9. _____ Vigiar e punir: a história da violência nas prisões. Petrópolis, Vozes, 1997.
10. _____ O Dossier – Últimas entrevistas. Org. Carlos H. Escobar. Tavares & Tristão. Rio de Janeiro: 1984.
11. FRANÇA, Sonia A. Moura. A indisciplina como matéria do trabalho ético e apolítico. In: AQUINO, Júlio G. Indisciplina na escola : alternativas e práticas. São Paulo : Sumus, 1996. p. 139-148.
12. FRANCO, Luiz Antonio C. A disciplina na escola. In: Revista Ande, n.08.

13. GARCIA, Regina L. A educação na virada do século. In: Escola básica na virada do século, Costa, Marisa V. (org.). São Paulo: Cortez, 1996.
14. GUIMARÃES, Áurea M. A dinâmica da violência escolar: conflito e ambigüidade. Campinas: Autores Associados, 1996.
15. GIROUX, Henry. Jovens, Diferença e Educação Pós-Moderna. In: Novas perspectivas críticas em educação. Manuel Castells e outros; trad. Juan Acuna. Porto Alegre : Artes Médicas, 1996, p. 63-85.
16. LOURO, Guacira L. A escola e a pluralidade de tempos e espaços. In: Escola básica da virada do século: cultura, política e currículo. São Paulo: Cortez., 1996.
17. LÜDKE, M.& André, M.E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
18. MANCE, Euclides A. Subjetividade, Imaginários e Utopias.
19. MOCHCOVITCH, Luna G. Gramsci e a Escola. Rio de Janeiro : Editora Ática, 1988.
20. MONTEIRO Regina C. A pesquisa qualitativa como opção metodológica. In: Revista Proposições nº5, ago. 1991.
21. OSÓRIO, Luiz C. Adolescente hoje. Porto Alegre: Ed. Artes médicas, 1989.
22. RANGEL, Edilma. Porque os jovens de classe média se transformam em assassinos. Curitiba: Jornal Gazeta do Povo, 27 ab. 1997.
23. REGO, Tereza C. R. A disciplina e o cotidiano escolar : novas abordagens, novos significados. In: AQUINO, Júlio G. Indisciplina na escola; alternativas e práticas. São Paulo : Sumus, 1996. p. 83-101.
24. SACRISTÁN, J.G. O Currículo: Uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: Artmed, 1998.
25. _____ . Escolarização e cultura: a dupla determinação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
26. VASCONCELOS, Celso Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola . São Paulo: Libertad, 2000.
27. VIANNA, Ilca; SCHMIDT, Leide Mara; ABUD, Maria José Milharezi et al/ Dialogando sobre disciplina com Paulo Freire. In: D'ANTOLA, Arlette. Disciplina na escola : autoridade versus autoritarismo. São Paulo, EPU, 1989. p. 1-12.

ANEXOS

ANEXO 1: PESQUISA DIRECIONADA AOS ALUNOS

Prezado aluno(a):

Esta é uma pesquisa sobre a disciplina nas 5ª séries do Ensino Fundamental, da escola pública. Responda com sinceridade:

O que você acha que é disciplina?

2-O que é uma pessoa disciplinada?

3-As pessoas precisam de disciplina? Onde?

4-Fale sobre os comportamentos que você considera indisciplinados na escola.

Agradecemos sua participação nesta pesquisa
Dorotéa P. Szenczuk e Elizabeth Sá Fonseca

ANEXO 2: PESQUISA DIRECIONADA AOS PROFESSORES

Prezado professor(a)

Esta é uma pesquisa que se faz necessária para a elaboração da monografia final do Curso de Especialização em Organização do Trabalho Pedagógico, da Universidade Federal do Paraná e cujo tema é A (In)disciplina no Contexto Escolar.

Pedimos que reflita sobre sua experiência escolar e sua vivência pessoal e profissional, no que se refere ao trabalho com os alunos das 5ª séries do Ensino Fundamental, da escola pública, para responder as questões que se seguem:

1 - A palavra disciplina lembra à você educador, que situações, que aspectos?

2 - O que você caracteriza como indisciplina na sociedade? E na escola?

3 - Você considera necessária a disciplina na escola? Por que?

4 - Como você tem mantido a disciplina?

Agradecemos sua participação nesta pesquisa
Dorotéia P. Szenczuk e Elizabeth Sá Fonseca

ANEXO 3: QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS PROFESSORES

Pesquisa para a elaboração da Monografia Final do Curso de Especialização em Organização do Trabalho Pedagógico, cujo tema é a (In)disciplina no Contexto Escolar

1-As questões político-sociais-econômicas influem na formação do aluno?
() Sim () Não Por quê?

.....
.....
.....

2-A questão (in)disciplina é discutida em sua escola? ()Sim () Não
Caso afirmativo, quando?

.....
.....
.....

3-Na sua opinião, o que o aluno espera da escola?

.....
.....
.....

4-O professor pode interferir na formação do aluno? () Sim () Não
Justifique.

.....
.....
.....

5-Qual o papel do professor, ao trabalhar o conteúdo de sua disciplina, na formação dos jovens:

- () mediador da aprendizagem;
- () um modelo a ser seguido.

6-Para você, trabalhar conteúdos curriculares significa:

- () dar informações sobre o conhecimento socialmente produzido;
- () trabalhar as ciências das áreas;
- () trabalhar o conhecimento e os valores para a sociedade;
- ()

outros.....
Justifique.....
.....

7-Na sua opinião, qual a função da escola na sociedade contemporânea?

.....
.....
.....

8-Nas situações de indisciplina você:

- () procura conversar com o aluno(a);
- () encaminha para a Orientação Educacional;
- () põe o aluno para fora da sala;
- () chama os responsáveis;
- () outros

.....
.....
.....

9-Você acha que a indisciplina (enumere por ordem de incidência):

- () compromete o processo ensino-aprendizagem;
- () compromete a organização do aluno para aprender;
- () compromete a atenção dos alunos;
- () atrapalha a relação professor aluno.
- () outros.....

.....
.....

10-O que você apontaria como causa da indisciplina na escola ?

.....
.....
.....

11-O que você acha que pode ser feito para melhorar a disciplina na escola ?

Agradecemos sua participação

Dorotéia P. Szenczuk e Elizabeth Sá Fonseca

ANEXO 4: QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS ALUNOS

Pesquisa para a elaboração da Monografia Final do Curso de Especialização em Organização do Trabalho Pedagógico, cujo tema é a (In)disciplina no Contexto Escolar

- 1- Na sua opinião, qual o papel da disciplina na escola? () muito importante
() pouco importante
() não é importante

Você acredita que é preciso disciplina para poder ter sucesso na escola?

- () Sim () Não

Por quê?

.....
.....

3-Quem você acha que é responsável pela indisciplina do aluno?

- () o professor;
() o próprio aluno;
() a escola;
() a televisão;
() a família
() a sociedade;
() Outros.....

4- O que a escola deve fazer para manter a disciplina?

.....
.....
.....
.....

5-O que o professor deve fazer para que haja disciplina na escola:

- () conversar com o aluno;
() chamar a atenção;
() punir;
() ser líder;
() ser bem humorado;
() dominar a matéria e explicar bem;
() Outros

.....
.....

6-A maneira como o professor encaminha suas aulas influencia na disciplina dentro da sala de aula? () Sim () Não () Mais ou menos
Por quê?

.....
.....
.....

7- Se você fosse um(a) professor(a), o que faria para manter a disciplina?

.....
.....
.....
.....

8- Quais os ídolos (da televisão, do cinema, das revistas, etc...) que você admira e cujos exemplos você seguiria ?

.....
.....
.....

